

CÊ QUI SABI: UM CASO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)
cleziorob@gmail.com

1. Introdução

O sistema pronominal do português brasileiro (PB) tem merecido, há anos, uma atenção especial de alguns estudiosos da língua, como Lopes (2003, 2004), Menon (1995, 1997, 2000), Rumeu (2004), Salles (2001), Silva (2003) etc.

Por sua vez, o uso das formas de tratamento *você*, *ocê* e *cê* – a primeira, considerada padrão e as outras duas consideradas não padrão, tem sido, também, objeto de estudo de alguns pesquisadores, como Alves (1998); Andrade (2004); Barbosa (2005); Chaves (2006); Ciriaco, Vitral, Reis (2004); Coelho (1999, 2009, 2010); Gonçalves (2008a, 2008b, 2009); Herênio (2006); Lucca (2000); Mendes (1998); Mota (2008); Oliveira e Ramos (2002); Paula (2004); Peres (2006); Ramos (1997, 2000); Vitral (1996); Vitral e Ramos (1999) etc.

A alternância entre as três formas pronominais de segunda pessoa está presente também, em Minas Gerais, na fala de moradores da cidade de Arcos, no centro-oeste de Minas, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(01) Na posição de complemento de verbo: Não conseguimos mais encontrar **você**.

(02) na posição de complemento de preposição: Eu posso contar pra *vo-
cê*.

(03) na posição de complemento de nome: Ainda tenho medo d' **ocê**.

(04) na posição de sujeito: **Cê** tá perdoado.

Está-se, pois, perante um tema tão importante quanto interessante. Importante porque é um tema difícil de definir com exatidão e de forma completa, propício a “uma análise incompleta e nem sempre perfeitamente exata – o que é mais uma prova da complexidade da matéria” (CINTRÁ, 1972, p. 8) e, daí, a necessidade de consequentes abordagens, de forma a que se complementem uns estudos com os outros, nos mais diversos aspectos e épocas. É, igualmente, um tema interessante, na medida

em que diz respeito a todos os falantes que pertencem à mesma sociedade ou que a partilham.

O uso das formas pronominais e, também, de tratamento em correlação com as variações linguísticas pode revelar, numa perspectiva pragmática, os aspectos culturais de uma determinada comunidade de fala. Além disso, ao se estudar, *in loco*, os fatores sociais do uso de uma forma pronominal, descobre-se mais sobre o costume, a cultura e a condição socioeconômica da comunidade de fala, pois as formas de tratamento dizem respeito à relação entre duas pessoas ou mais, na qual o grau de intimidade ou deferência pode revelar o comportamento desses indivíduos, de acordo com as delimitações hierárquicas e políticas.

Escolheu-se o tema para esta pesquisa, a partir de tal pressuposto, uma vez que o sistema pronominal de uma língua sofre mudanças linguísticas que estão relacionadas às modificações nas relações sociais e nos valores culturais de uma sociedade.

Sabe-se que o estudo das formas *você*, *ocê* e *cê* interessa à Linguística pelas correlações entre as diferentes expressões pronominais e as formas verbais a elas correspondentes. No entanto, essas mudanças linguísticas devem ser investigadas à luz de condicionamentos internos e externos, a fim de se reconhecer que as mudanças nas relações sociais podem influenciar significativamente, ou mesmo serem fatores determinantes para as alterações na língua.

2. *Objetivos*

A partir dos estudos já realizados sobre o uso da forma pronominal *você* e suas variantes na fala mineira, este artigo propõe a: i) investigar os fatores sociais que condicionam a variação das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não padrão); ii) descrever o uso das três formas pronominais em estudo.

Trata-se de uma pesquisa centrada na investigação do comportamento da variação das formas pronominais (*você*, *ocê* e *cê*) no português mineiro falado na cidade de Arcos. A característica deste estudo é o uso de dados reais de língua do português brasileiro (PB).

Este estudo, de maneira especial, aborda especificamente o papel do rural-urbano no uso das formas *você*, *ocê* e *cê* na fala mineira, considerando-se que o ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho,

no campo, transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais, a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais.

Além disso, ao invés de se pensar a cultura camponesa através do contraste com a cultura urbano-industrial, o que levaria a repetir o que já fora dito sobre o efeito generalizador do processo de “descampanização” do campo, alguns autores, como Carneiro (1997, p. 53-75), chamam a atenção para a necessidade de romper com a referência à cultura urbano-industrial para se avaliar as verdadeiras mudanças pelas quais essa categoria social ampla e genérica – o agricultor familiar – estaria passando ao longo tempo.

É interessante ainda observar que espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola. Como já foi observado, é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, dado que se associa ao aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento.

As reflexões mencionadas acima são levadas em consideração por este estudo, quando se propõe investigar o uso das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* nas zonas urbana e rural da cidade mineira de Arcos.

3. Hipóteses

A partir daí, foram levantadas e testadas quatro hipóteses, a saber:

- [1] O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no PB falado na região arcoense de Minas Gerais constitui uma variável linguística condicionada por fatores sociais;
- [2] a forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural;
- [3] a forma padrão *você* é a forma mais usada pela classe social mais privilegiada;

[4] o fenômeno de variação entre os itens *você*, *ocê* e *cê*, em estudo, é caracterizado como um caso de mudança em progresso ou uma variável estável, nos termos de Labov (1972).

4. *Fundamentação teórica*

Uma rápida revisão da Linguística como ciência, reconhecida como tal há pouco mais de um século, evidencia as diferentes abordagens dadas à forma pronominal *você*, quer seja em estudo diacrônico, quer seja em estudo sincrônico, no PB. A escolha por uma perspectiva teórica que caracterize e explique os processos de variação linguística entre as três formas pronominais envolve a concepção que se tem do que seja uma língua e do seu funcionamento.

É fato conhecido há muito tempo que as línguas são heterogêneas; entretanto, com poucas exceções, as correntes teóricas que estudaram tanto a língua quanto a mudança linguística não levaram em consideração essa heterogeneidade, concebendo as línguas como um sistema homogêneo, cujo foco de estudo deveria ser sua estrutura interna.

A concepção de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo, ou seja, desvinculado do grupo social que usa essa língua em suas interações diárias, foi adotada pela Linguística Histórica, pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo. Por outro lado, houve aqueles que consideraram a heterogeneidade da língua, não a vendo dissociada de sua comunidade de falantes – por exemplo, Meillet, Schuchardt, Sapir e os linguistas do Círculo Linguístico de Praga⁶³. Entretanto, esses estudiosos não elaboraram nenhum método para se estudar sistematicamente a complexidade dos dados de fala e para se pesquisar a mudança linguística.

De acordo com Chambers (1995, p. 15-16), foi Labov, em seu trabalho sobre Martha's Vineyard, de 1963, e, principalmente, em seus trabalhos sobre a língua falada na cidade de Nova York, o primeiro linguista que reuniu evidências da variação linguística e que demonstrou que ela é ordenada, padronizada e sistemática. A partir daí, foi possível estudar mais profundamente – e com maior propriedade – os fatores envolvidos na mudança linguística. Essa nova corrente de estudos da língua

⁶³ Cf. Weinreich, Labov e Herzog, 1968.

ficou conhecida como Sociolinguística⁶⁴ e, mais tarde, como Teoria da Variação. A variação é, segundo os sociolinguistas, a causa primária das mudanças linguísticas, e ela decorre de fatores de ordem sociocomunicativa ou mesmo linguística.

5. Método e procedimentos

Sobre metodologia de trabalho, Labov (1972, p. 207) afirma que a questão aqui não é necessariamente embasar os estudos linguísticos com a teoria da linguagem, mas, em vez disso, estabelecer um novo método de trabalho. Conforme Labov (*op. cit.*), a heterogeneidade da fala apresenta-se aparentemente como um caos. No entanto, dentro dessa heterogeneidade linguística, um observador atento pode verificar que fatores, tanto externos quanto internos, podem influenciar a fala das pessoas. A fim de sistematizar essa aparente caoticidade da fala, este projeto, assim como Labov (*op. cit.*), propõe uma metodologia que por meio de amostragens, procura identificar o modo como os diferentes grupos sociais, dentro de determinada comunidade de fala, comporta-se linguisticamente.

Esta pesquisa utiliza os métodos quantitativos, com auxílio do suporte estatístico do GoldVarb 2001, de uma corrente teórica que concebe a língua como um sistema intimamente ligado à sociedade que a fala e que sistematiza sua inerente heterogeneidade: a sociolinguística quantitativa ou teoria da variação.

Para a pesquisa deste trabalho foram selecionados informantes de Arcos, cidade localizada no centro-oeste mineiro, a 220 km de Belo Horizonte. A cidade pertence, ainda, à região geopolítica do Alto São Francisco e à Associação dos Municípios do Vale do Itapecerica. Tem como municípios limítrofes: Formiga, Iguatama, Japaraíba, lagoa da Prata, Luz, Pains e Santo Antônio do Monte, possuindo uma área total de 497 km². É banhada pelo rio São Francisco na região de Itaoca (zona rural), bem como pelo rio São Miguel e, ainda, pelos rios Candongas e Preto, o qual possui a várzea mais fértil da região.

A análise deste trabalho parte da hipótese de que a ocorrência das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* não vem acontecendo de maneira

⁶⁴ O próprio Labov argumenta que é um equívoco falar em sociolinguística, já que a língua não pode ser concebida fora de seu contexto social. Entretanto, foi este o nome como ficou conhecida essa corrente teórica.

idêntica nas duas áreas, urbana e rural, da comunidade arcoense e que, nessa comunidade, a evolução de formas/fatos da língua portuguesa aponta para mais de uma direção. Essa hipótese encontra suporte no estudo de Faraco (1996), que chama a atenção para a ocorrência de várias formas, não padrão, correspondentes à forma padrão *você* no português de Portugal e do Brasil, e no estudo de Biderman (1972), que mostra a ocorrência de formas não padrão, ao lado da forma padrão *usted*, no espanhol.

Este trabalho é constituído por um *corpus* (GONÇALVES, 2002) de 100 narrativas orais espontâneas, sendo 50 da área urbana e 50 da área rural, com um total de 26 horas de gravação. A amostra analisada neste trabalho é constituída por 12 horas de gravação, 20 narrativas orais espontâneas da zona urbana e 20 narrativas orais espontâneas da zona rural, com um total de 510 dados.

6. Comportamento das variantes: fatores sociais

Na certeza de que o tratamento quantitativo possibilita a interpretação dos dados, a partir da comparação entre os grupos de fatores, essa seção se propõe a apresentar os dados dos fatores sociais condicionantes ou, chamados por alguns linguistas de fatores externos: procedência geográfica, classe social, faixa etária e gênero.

Este estudo se propõe a contribuir com o avanço dos estudos sobre o uso do pronome *você*, no PB, com uma mostra não exclusiva da área urbana, como fazem Ramos (1997), Andrade (2004), Peres (2006) etc., para isso foram selecionadas 20 narrativas rurais e 20 narrativas urbanas.

A distribuição das variantes, segundo a Procedência Geográfica, de acordo com a tabela 1⁶⁵, a seguir, apresenta dados muito interessantes, a saber:

Tabela 1: Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica

Procedência geográfica	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
URBANA	87	77	32	26,5	108	40	227
RURAL	26	23	88	73,5	169	60	283
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

⁶⁵ Legenda para as tabelas apresentadas: OC – ocorrências; % – porcentagem.

Ao se observar, estatisticamente, a tabela 1, verifica-se que é grande a diferença entre o número de ocorrências da forma padrão (*você*), 26 dados e o número de ocorrências das formas não padrão: *ocê*, com 88 dados e *cê*, com 169 dados, na área rural. É significativo o resultado de *você* na área urbana: 77% dos dados, confirmando-se a hipótese 2 deste estudo.

Outro fato de destaque é que o número total de ocorrências das formas em estudo na área rural é maior que os da área urbana, 283 e 227, respectivamente. Isso significa, logicamente, que os informantes da área urbana usaram menos as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*.

Esse Grupo de Fatores – Procedência Geográfica – apresenta resultados bem significativos. Esta pesquisa mostra que a forma *você*, por sua vez, é própria das pessoas que moram na cidade (área urbana) e não na área rural. Para visualizar os mesmos resultados da tabela 1, com um pouco mais de refinamento, veja-se a tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica

	ÁREA URBANA		ÁREA RURAL	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	87	38	26	9
Forma não padrão (<i>ocê/cê</i>)	140	62	257	91
TOTAL	227	100	283	100

Os resultados da tabela 2 demonstram que a forma não padrão *ocê* e *cê* é favorecida na área urbana, com 62%, enquanto que a forma padrão é menos usada, com 38%. Por sua vez, na área rural, as formas não padrão *ocê* e *cê* são muito favorecidas, pois são 91% dos dados, enquanto que a forma padrão (*você*) é timidamente usada, com apenas 9% dos dados. É uma diferença muito significativa.

Esta pesquisa leva em consideração o que Carneiro (1997) defende, quando afirma que o ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais.

Segundo a autora,

Ao invés de se pensar a cultura camponesa, através do contraste com a cultura urbano-industrial, o que levaria a repetir o que já fora dito sobre o efeito generalizador do processo de “descampenização” do campo, alguns autores chamam a atenção para a necessidade de romper com a referência à cultura urbano-industrial para se avaliar as verdadeiras mudanças pelas quais essa categoria social ampla e genérica – o agricultor familiar – estaria passando ao longo tempo. (CARNEIRO, 1997, p. 53)

O espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola. Como já foi observado, é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, dado que se associa ao aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento, conforme a posição de Silva (1997, p. 5).

Apresentam-se, a seguir, os resultados relativos à distribuição das variantes, segundo a classe social. Para isso, atente-se à tabela 3, a seguir:

Tabela 3: Distribuição das variantes segundo a classe social

Classe social	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
+ Privilegiada	20	72	04	14	04	14	28
- Privilegiada	93	19	116	24	273	57	482
TOTAL	113		120		277		510

Quando se verifica, na tabela 3, que 72% das formas pronominais usadas pela classe mais privilegiada socialmente são do item padrão *você*, se confirma a hipótese [3] deste estudo.

É importante relatar, ainda, que o uso da forma padrão *você* é pouco usada pela classe menos privilegiada socialmente.

A tabela 3 ainda mostra que 482 dados dos 510 ou, em termos percentuais, 95% dos dados da amostra são usados pelos informantes da classe social menos privilegiada.

Explica-se tal dado pelo fato de o documentador ter um alto grau de intimidade com o informante, favorecendo assim o uso da língua pelo falante com maior naturalidade, ou seja, mais próximo do vernáculo, favorecendo o uso das formas não padrão (*ocê/cê*) na classe social menos privilegiada.

E, por outro lado, o uso acentuado de forma padrão pela classe social mais privilegiada seria explicado pelo fato de o informante da classe social mais privilegiada estigmatizar o uso de formas não padrão.

Observe-se, atentamente, a tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Distribuição das variantes segundo a classe social

	+ PRIVILEGIADA		- PRIVILEGIADA	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	20	72	93	19
Forma não padrão (<i>ocê/cê</i>)	08	28	389	81
TOTAL	28	100	482	100

Observando-se, estatisticamente, a tabela 4, percebe-se que é notória a diferença entre o uso da forma padrão e o uso das formas não padrão pelos informantes das duas classes em análise.

Atente-se, agora, para a tabela 5.

Tabela 5: Distribuição das variantes segundo a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
15-30 Anos	36	32	12	10	72	26	120
31-59 Anos	69	61	83	69	156	56	308
60 anos ou mais	06	7	25	21	49	18	82
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

Depois de apresentados os resultados da distribuição das três variantes em relação às três faixas etárias, aqui consideradas como: jovens (15-30), medianos (31-59) e idosos (60 ou mais), pode-se afirmar que a variante preferida pelos jovens, pelos medianos e pelos idosos foi *cê*, respectivamente, 72, 156 e 49 dados.

De acordo com a teoria laboviana, os informantes idosos usam mais a variante padrão (aqui, no caso, *você*) do que as variantes não padrão (aqui, no caso, *ocê/cê*), e os jovens usam mais as variantes não padrão. Os resultados da tabela 5 mostram que os jovens usam mais a variante não padrão do que a padrão e os velhos também. Portanto, não se pode falar em mudança em progresso. Ou seja, não há confirmação da hipótese [4] desse estudo.

Faz-se necessário considerar, ainda, que os idosos usaram menos a forma padrão *você*, 8 dados; por sua vez, os jovens fizeram menos uso da forma *ocê*, 12 dados e, no entanto, esperava-se que essa faixa etária

usasse menos a forma padrão *você*. O fato de os idosos usarem menos o item *você* não era esperado, considerando-se a tendência ao conservadorismo dos adultos para com a inovação dos costumes. Da mesma forma, levando-se em conta a tendência dos jovens para com as inovações da língua, como novas formas, vocábulos, gírias etc., era esperado que o uso das formas não padrão fosse mais elevado. E isso se constata, neste estudo, por meio dos resultados, podendo-se afirmar que o fator faixa etária, neste estudo, não favorece a ocorrência das três formas *você*, *ocê* e *cê*.

O último grupo de fatores – gênero – é apresentado na tabela 6, a seguir:

Tabela 6: Distribuição das variantes segundo o gênero

GÊNERO	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
MASCULINO	55	49	90	75	184	66	329
FEMININO	58	51	30	25	93	34	181
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, contudo, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

Os resultados da tabela 6 mostram que o gênero masculino tende a ser menos conservador, quando usa mais as formas inovadoras: *ocê* (75%) e *cê* (66%). Entretanto, há praticamente um empate, no que se refere ao número total da forma padrão usada 49% e 51%, masculino e feminino, respectivamente. No caso deste estudo, os homens não fazem mais uso da forma padrão de tratamento em função da ocupação de pouco prestígio social que exercem (ajudante de pedreiro, faxineiro, lavrador, lixeiro etc.).

Assim sendo, atente-se para a tabela 7, a seguir:

Tabela 7: Distribuição das variantes segundo o gênero

	MASCULINO		FEMININO	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	55	17	58	32
Formas não padrão (<i>ocê/cê</i>)	274	83	123	68
TOTAL	329	100	181	100

Fica mais claro, agora, quando se contrapõem a forma padrão e a forma não padrão. Vê-se que para ambos os gêneros a forma não padrão é a eleita. No entanto, é interessante observar que qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado.

É importante observar, também, que outros indícios de diferenças entre homens e mulheres podem ser depreendidos, por meio do controle de outras variáveis como mercado ocupacional, influência da mídia ou grau de escolarização, como mostram Oliveira e Silva & Paiva (1996). Acredita-se que a variável mercado ocupacional atua de forma mais relevante entre homens do que entre as mulheres. Eis algo a ser analisado em outro trabalho, no futuro, com uma atenção a este tipo de análise.

Vale a pena ressaltar um aspecto da amostra deste estudo: a ocupação profissional dos informantes selecionados – lixeiro, fazendeiro, ajudante de pedreiro, lavrador, aposentada, doceira, costureira, dona de casa, doméstica – sobretudo na área rural, não exige um uso da língua de maior prestígio. Além disso, os informantes não ocupam um lugar de *status* na sociedade arcoense, devido às características sociais que têm. Sem contar que a maioria dos informantes tinha um alto grau de intimidade com os documentadores, o que, talvez, favorecesse a escolha em frequência maior pelas formas não padrão – *ocê* e *cê*.

Finalmente, pode-se afirmar que a hipótese [1] se confirma totalmente neste estudo, pois se verifica que os fatores sociais – procedência geográfica, classe social, faixa etária e gêneros – condicionam o uso dos variantes *você*, *ocê* e *cê*.

7. Considerações finais

A partir dos dados apresentados, pode-se afirmar que:

- a) Os fatores sociais – procedência geográfica, classe social, faixa etária e gênero – condicionam o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*, confirmando-se a hipótese [1];
- b) confirma-se com esse estudo a hipótese [2] – a forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural, uma vez que 77% dos dados de *você* ocorrem na área urbana;

- c) confirma-se a hipótese [3] – a forma padrão *você* é a forma mais usada pela classe social mais privilegiada, uma vez que 72% do uso da forma *você* se dá na classe social mais privilegiada;
- d) não há confirmação da hipótese [4], uma vez que o fenômeno de variação entre os itens *você*, *ocê* e *cê*, em estudo, não é caracterizado como um caso de mudança em progresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilton A. *As formas você e cê e a indeterminação do sujeito no português brasileiro*. 1998, 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ANDRADE, Adriana L. V. S. *A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado*. 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARBOSA, Liliane P. *Estatuto da forma cê: clítico ou palavra?* 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BIDERMAN, Maria T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Marília: Alfa*, 1972/1973, p. 18-19 e 339-382.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: *Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural*. Natal: UFRN, 1997, p. 53-75.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

CHAVES, Elaine. *Implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG).

CINTRA, Luís F.L. *Sobre as formas de tratamento na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1986, 138 p.

CIRÍACO, Larissa; VITRAL, Lorenzo; REIS, César. Intensidade e duração de formas reduzidas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, v. 12, n. 2, p. 143-147.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. UFMG, 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. A ausência da forma *você* numa comunidade quilombola nortemineira. *I Congresso Internacional de Linguística Histórica: Programa – resumos*. Salvador: UFBA/UEFS/ENEB, 2009, p.124.

_____. *Os gurutubanos: língua, história e cultura*. PUC Minas, 2010, 444 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FARACO, Carlos A. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. 13. ed. Curitiba: UFPR, 1996.

GONÇALVES, Clézio R. *Um estudo variacionista do uso da forma você no centro-oeste mineiro: projeto de pesquisa*. Arcos: PUC-Minas, 2002.

_____. Você, ocê e cê na fala mineira. *ABRALIN em Cena Piauí*. Teresina: Ideia, 2008a, p. 82-91.

_____. *Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português*. USP, 2008b, 349 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Você, ocê e cê: o ritual de tratamento no discurso. *II Encontro Memorial: nossas letras na história da educação: anais do II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Universidade Federal de Ouro Preto*. Mariana: ICHS/UFOP, 2009, p. 1-14.

_____; COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Usos da forma você em Minas Gerais* (no prelo).

HERÊNIO, Kerly Karine Pereira. “*Tu*” e “*você*” em uma perspectiva intralinguística. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, Célia R. S. *O quadro dos pronomes pessoais*. Rio de Janeiro, manuscrito, 2003.

_____. Vossa mercê > você e vuestra merced > usted: o percurso evolutivo ibérico. *Linguística. ALFAL*, v. 14, 2003a.

_____. *Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX*. Comunicação apresentada no V Seminário do PHPB. Ouro Preto: UFOP/UFMG, 2004.

MENDES, Eliana A. de M. Você, o senhor, ou o quê? *Linguagem & Ensino*. Pelotas, 1998, v. 1, n° 1, p. 135, 150.

MENON, Odete P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*. Curitiba: UFPR, n. 44, p. 91-106, 1995.

_____. *Seu, de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos*. In: HORA, Demerval (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

_____. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/você/ o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164, mar. 2000.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; PAIVA, Maria da C. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M., SCHERRE, Maria Marta P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 335-378.

OLIVEIRA, Marilza; RAMOS, Jânia. *O estatuto de você no preenchimento do sujeito*. Comunicação apresentada no encontro da Alfal, Costa Rica, 2002.

PAULA, Graciane de. *O clítico 'te' no dialeto mineiro: um fenômeno de manutenção*. Manuscrito, 2004.

PERES, Edenize P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e tempo real*. UFMG, 2006, 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval da (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 43-60.

_____. O surgimento de um novo clítico no português brasileiro: análise quantitativa da forma cê. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de sociolinguística brasileira e portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 181-189.

RUMEU, Márcia C. de B. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Traços formais e semântico-discursivos no processo de gramaticalização de vossa mercê>você. *Revista do Gel*. Araraquara: GEL, 1004, v. 1, p. 67-82.

SILVA, José Graziano da. *O novo rural brasileiro*. 1997 (dat.).

VITRAL, Lorenzo. A forma cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, n. 4, v. 1, p. 115-124.

_____; RAMOS, Jânia M. Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, 1999, v. 3, p. 55-64.

WINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical foundation for a theory of language change*. Austin: University of Texas, Press, 1968.